

## DE DIONÍSIO A APOLO - A RELAÇÃO ENTRE FESTA E TURISMO

Rosalma Diniz Araújo, Wilker Ricardo de Mendonça Nóbrega

Graduada em Comunicação Social (UFPB); Mestra em Administração de Marketing (UFPB); Professora do Departamento de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. Doutoranda em Turismo pelo PPGTUR da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil.

DE DIONÍSIO A APOLO-A RELAÇÃO ENTRE FESTA E TURISMO A história das festas é também a história do homem, da sua tentativa de controle do tempo e autoafirmação diante de uma natureza pródiga, mas misteriosa, de onde buscava respostas para sua existência e sobrevivência. Hoje, o calendário marca o tempo do “não trabalho” - contraposto ao ócio, lazer, turismo e festa. Esta “pode se religar, de modo também artificial e alienado, às esferas do econômico e do político, via indústria cultural, mercado turístico” [...] (Groppo, 2005, p.26). Para Miguez (2012, p.209), a apropriação das práticas festivas pelo turismo, transformando-as em espetáculo e fenômeno midiático opõe uma tensão entre Dionísio e Apolo, “entre a lógica dionisíaca da celebração da galhofa, do velho espírito dos carnavais que vem lá dos tempos medievais, e a lógica apolínea, de caráter mercantil-empresarial, mais própria dos tempos que correm”. Fenômeno de difícil apreensão, é certo, porém, que a festa lança as bases para se pensar: a identidade, como faziam os cidadãos atenienses no “espelho invertido” que era a festa; o lazer como um direito, como descrito na civilização romana; as relações do poder do Estado e da Igreja, no Brasil-Colônia, como pesquisado por Del Priore; a estreita ligação entre festa e religião, pensada por Durkheim; a essência do que é “ser brasileiro”, por antropólogos como Ribeiro, Perez e Amaral; o potencial de reivindicação social, participação e civismo, de acordo com Nazareth e Amaral; e a relação lazer-turismo na contemporaneidade. E, apesar de estar sob a égide do capital, a “festa-função” não perde seu sentido de “festa-celebração” pois ela promove a libertação de todo utilitarismo para desembocar no reino da união, da exaltação, da utopia. Pois, como descreveu Bakhtin, a festa é a categoria primeira e indestrutível da civilização humana: pode empobrecer e até degenerar, mas não pode apagar-se completamente. Palavras-chave: Festa; Turismo; Identidade; Cultura.

Palavras-chave: Festa; Turismo; Identidade; Cultura.

Referências: Alves, M. L. B. (2012). Festas religiosas como atrativos turísticos. In Ramos, S. (Org.). Planejamento de roteiros turísticos. Porto Alegre, RS: Asterisco. Bakhtin, M. (2008). A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. SP, Hucitec e Brasília, Universidade de Brasília. Brandão, C. R. (2009). O trabalho como festa: algumas imagens e palavras sobre o trabalho camponês acompanhado de canto e festa. In Godoi, E. P., Menezes, M. A., Marin, R. A. (Orgs.). Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. Cordeiro, G. Í. (2015). O arraial, festa da rua e da cidade. In Perez, L. F., Cordeiro, G. Í., & Belone, A. P. L. (Orgs.). Anais III Colóquio Festas e Socialidades. FAFICH-UFGM. Cucho, D. (2002). A noção de cultura nas ciências sociais. 2. ed., Bauru. EDUSC. Dantas, M. I. (2009). Doce dádiva: a Festa do Chouriço. In Godoi, E. P., Menezes, M. A., Marin, R. A. (Orgs.). Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. Del Priore, M. (2002). Festas e utopias no Brasil Colonial. Editora Brasiliense: São Paulo. Durkheim, É. (2008). Formas elementares da vida religiosa. 3. Ed., São Paulo: Editora Paulus. Duvignaud, J. (1983). Festas e civilizações. Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Fernandes, I. (2005). A festa das Anthestérias e sua referência em Aristófanos. In Lessa, F. S. & Bustamante, M. C. Memória & festa. Rio de Janeiro, Ed. Mauad. Ferreira, M. N. (2005). As festas populares na expansão do turismo. São Paulo: Arte & Ciência. Ferreti, S. F. (2012). Estudos sobre festas religiosas populares. In Rubim, L., & Miranda, N. (Orgs.). Estudos da festa. Salvador: Edufba. Groppo, L. A. (2005). O popular e o lúdico nas festas. In Groppo, L. A. (Org.). Vamos para a festa! Turismo e festa popular. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária. Hall, S. (1997). The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. In: Hobsbawn, E. e Ranger, T. (1997). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e terra. Itani, A. (2003). Festas e calendários. São Paulo: Editora UNESP. Jacques, A. W. (2014). Solidariedade social e efervescência coletiva na obra de Émile Durkheim: uma relação? Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais): UFRGS. Lessa, F. S. & Bustamante, M. C. (2005). Memória & festa. Rio de Janeiro, Ed. Mauad. Mantas, V. G. (2006). Dies Festi: festividades romanas na época imperial. In Silva, C. G. (Coord.). História das festas. Universidade de Lisboa: Edições Colibri. Miguez, P. (2012). A festa: inflexões e desafios contemporâneos. In Rubim, L., & Miranda, N. (Orgs.). Estudos da festa. Salvador: Edufba. Nascimento, A. A. (2006). A festa: entre exuberância e celebração. In Silva, C. G. (Coord.). História das festas. Universidade de Lisboa: Edições Colibri. Perez, L. F. (2011). Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil. Porto Alegre: Medianiz. Perez, L. F. (2012). Festa para além da festa. In Perez, L. F., Amaral, L., & Mesquita, W. (Orgs.). Festa como perspectiva e em perspectiva. Rio de Janeiro: Garamond. Ravelet, C. (2015). Jean Duvignaud e Roger Bastide: percursos cruzados, biográfico e teórico. In Perez, L. F., Cordeiro, G. Í., & Belone, A. P. L. (Orgs.). Anais III Colóquio Festas e Socialidades. FAFICH-UFGM. Rosa, M. C. (2002). Festar na cultura. In Rosa, M. C., Pimentel, G. G. A., & Queirós, I. L. V. B. G. Festa, lazer e cultura. Campinas, SP: Papirus. Tobia, A. M. G. (2005). El canto coral “fundador” de una poética que vincula fiesta y memoria. In Lessa, F. S. & Bustamante, M. C. Memória & festa. Rio de Janeiro, Ed. Mauad.

